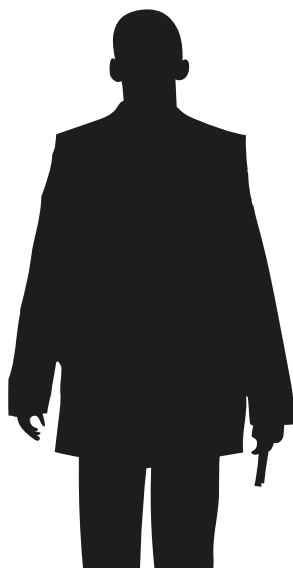
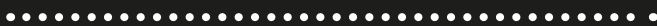


COM AS  
PRÓPRIAS MÃOS





COM AS  
PRÓPRIAS MÃOS



Jonas da Cruz Amaral



1ª edição, 2021  
Juiz de Fora.MG  
São Paulo.SP



*Quantas estradas um homem precisará andar  
Antes que possam chamá-lo de homem?  
Quantos mares uma pomba branca precisará sobrevoar  
Antes que ela possa dormir na areia?  
Sim, e quantas balas de canhão precisarão voar  
Até serem para sempre banidas?*  
Bob Dylan

*A vida é uma luta infinita para realizar tarefas  
essencialmente sem sentido.*  
Albert Camus



## **Agradecimentos**

Meus sinceros agradecimentos à Elaine Amaral, pela boa vontade e sugestões; à Kalyne Vieira; aos meus avós, Sebastião e Marly; às minhas tias, Cilzete e Elizete; e aos meus pais, Antônio Maurício e Elizabete.





*Os personagens e situações dessa obra são reais apenas  
no universo do autor; não se referem a pessoas e fatos  
concretos, e não emitem opinião sobre eles.*



# I

## 1.

Preciso cuspir tudo isso para fora ou vou acabar sufocado.

Antes de atentar contra a vida dos outros, atentei contra a minha, em pensamento. Cheguei, em alguns momentos, a pensar em suicídio, isto é, em anular-me. Lembrei-me de Sêneca: não é só o corajoso e o miserável que podem desejar a morte, mas, também, o enfasiado, aquele que está cansado de viver. Aquele que, como eu, já não aguenta mais sofrer e vê na morte um remédio. Estive prestes a cometer o suicídio. Eu já me via morto antes de estar deitado em um caixão, coberto de flores. Eu aspirava pela destruição, aspirava pelo extermínio do meu corpo. Mas, por algum motivo inespecífico, não concretizei o ato, continuo vivo. Vivo e imerso em um mar de angústia. Depois do que aconteceu com a Luciana, meu caso agravou-se e afoguei-me cada vez mais fundo. Várias vezes peguei-me com a Taurus PT 840 apontada para a cabeça. Uma mão invisível puxava o gatilho, outra, também invisível, hesitava. Eu ouvia a voz de Amelinha, ouvia a voz de Nicolle. Elas são as responsáveis pelo meu “sim” à vida. A verdade é que eu sou um ser humano angustiado, sempre fui atormentado pelos fantasmas da noite, mesmo à luz do dia. Mesmo em tempos – aparentemente – tranquilos. Meus fantasmas? Eles

são muitos: o passado, o futuro, a morte... Não existe um só angustiado que não tenha pensado na hipótese de tirar a própria vida, tal pensamento tem vontade própria. Se a morte aparece para o torturado como fim de todos os sofrimentos, então ela, a morte, não pode ser algo ruim. Porque a morte aparece para o atormentado como a solução de todos os seus problemas, o remédio para todas as dores do espírito. Sabemos que a única certeza que a morte traz é o fim da angústia terrena. Depois de muito pensar: se eu cometesse o suicídio, iria ser um covarde, pois estaria me negando e negando o absurdo que abraça a minha existência. Em outras palavras, eu estaria fugindo, como uma presa foge do predador. A evasão não combina comigo. Um homem corajoso não foge! Muito pelo contrário, ele oferece a sua cara para as bofetadas da vida. As contradições o impulsionam. Como não tive coragem de cometer o suicídio, encontrei outras saídas, essas menos dolorosas para os meus familiares. E mais caras para o meu bolso. No entanto, tais “saídas” só contribuíram para que eu mergulhasse ainda mais fundo no mar da angústia e da solidão. O angustiado é, por excelência, um solitário e, em casos extremos, pode, erroneamente, ser confundido com um psicopata.

Por muito tempo essas fugas foram minha decadência.

Conversei com alguns psicanalistas a respeito das minhas aflições, contei sobre os meus sentimentos, mas minhas conversas nos divãs nunca foram proveitosas, havia sempre coisas que eu silenciava. (Em uma palavra: resistência). Como todo ser humano. Todo mundo tem aquelas coisas que não conta nem para si mesmo, ora por medo, ora por vergonha. Zeca, o meu atual psicanalista, não ficou sabendo, por exemplo, que eu era um assassino. Minhas conversas com ele giravam em torno de Luciana. Sempre.

Não vou falar aqui o que era dito dentro do *setting analítico*. Isso não comprometerá, em momento algum, a narrativa. O que se diz a um psicanalista é...

Certo dia, mostrei a Zeca um texto que eu havia escrito – um texto sem pé nem cabeça que deixei ser rabiscado, quatro meses após a morte de Luciana, pelas mãos irracionais e depressivas do Inconsciente. Gastei uma sessão inteira lendo. Minto: por cinco minutos, despejei em Zeca as minhas demandas. Dei até uma gratificação a ele, pois ultrapassamos quase trinta minutos da sessão. Um texto escrito sob o efeito do álcool, de vinho tinto, mais com a intenção de exercitar os dedos do que o cérebro. (Se esse texto cair nas mãos de alguém, por favor, não me cobrem coerência, não me cobrem sentido, eu estava bêbado). Quando eu terminei de lê-lo, Zeca ficou em silêncio, um silêncio mortífero. Passados dois minutos, talvez três, ele falou. Interpretou o Quarto como sendo o Inconsciente, assim como muitos psicanalistas interpretaram – erroneamente, em minha opinião – o castelo, da magnífica obra *O Castelo*, de Franz Kafka. Essa interpretação equivocada de Zeca sobre *O Quarto* é porque ele não prestou atenção em meu texto, em seus elementos, provavelmente dormiu em determinadas partes da minha leitura (ou durante toda a minha leitura, deitado no divã era impossível ver seu rosto). Mas, quando Zeca me perguntou se ele estava correto em sua afirmação, que o meu Quarto equivaleria ao Inconsciente de Freud, respondi que sim. Não vale a pena discutir com um intelectual. Você pode ferir o Ego dele, isso é letífero.

## O QUARTO

Tantos livros foram escritos sobre o Quarto que, para lê-los na íntegra, sem nenhuma dose de abstração, antes é preciso perder completamente a razão. É o que fala o Coveiro Pálido que, embora tenha tentado sem cessar durante milênios, ainda não enlouqueceu (mas está no caminho), e fala isso sempre em um tom lúdico e despreocupado, buscando as palavras nas asas metálicas da Loucura: palavras essas que já foram encontradas pelo Professor em suas irreflexões, em seus esquecimentos, em sua languidez perene, em sua adulação, em seu sono profundo e em sua irremediável preguiça. Enfim, o Professor era um louco. Por tudo isso, o Coveiro Pálido conhece a sua pequenez diante do Professor e, ao contrário desse, fala com o silêncio que habita a sua sanidade de coisas que nem mesmo o silêncio, com toda a sua sabedoria, é capaz de falar. Não há mais lucidez nas palavras do Professor. No entanto, seus atos ainda são lúcidos, e isso é o que importa para ele: a lucidez de suas ações e a obscuridade de suas palavras. Os atos, diz o Barqueiro (companheiro de viagem do Coveiro Pálido), nem sempre correspondem às palavras, e vice-versa: é comum falar uma coisa e fazer outra completamente diferente.

- Chega de conversa fiada - disse o Barqueiro, com as mãos firmes no leme. - Chega de conversa fiada, você precisa dizer como se chega ao Quarto.

- Calma, eu já vou falar... não me apressa. Falarei também como é o Quarto.

- Então, anda logo, Professor.

O Professor está em uma posição privilegiada em relação ao Coveiro Pálido e ao Barqueiro. Ele se encontra em um plano superior, um plano superior onde, conseqüentemente, tudo e todos são superiores. Mas que plano superior é esse, se os três estão em um terreno metafísico? Como se sabe, o plano metafísico é composto de diversas dimensões, cada uma independente da outra. No plano em que o Professor está, ele tem a possibilidade de materializar-se. Tem a possibilidade de projetar-se ao longo da eternidade. De colocar seu espírito em outra carcaça. Coisa que o Coveiro Pálido e o Barqueiro, que estão em uma dimensão "abaixo", não podem fazer.

- Não pensem que o Quarto é o céu. Ele é uma masmorra, um ergástulo onde os homens aprisionam a sua coragem. Onde os homens sentem-se reis. O Quarto é cáustico como o inferno, o inferno criado pelos humanos. Um inferninho particular. Ao entrar nele, os homens sempre irão encontrar dificuldades para sair, pois o Quarto é, por excelência, a zona de conforto. Um conforto desconfortável, se me permitem a antítese. Chega-se ao Quarto atravessando o grande Rio da Vida (um percurso cansativo, na maioria das vezes). Seus percalços são simbolizados por um pote de ouro. O homem sábio evita cair nas garras do Quarto. Para não isolar-se. Para não se enclausurar do mundo e de si mesmo. Nós não podemos sair de nós mesmos. Nós não podemos sair do mundo. Nós somos o mundo, estamos integrados a ele, harmonizados em seu caos. O Quarto não é um bom lugar, ele é uma cidade assombrada.

Nas paredes disformes que sustentam o Quarto tem apenas uma janela, olhando melancolicamente para a mata desvirginada pelos homens de serras elétricas, diz